

# Tantas águas, quantas histórias, diferentes narrativas – o São Francisco dos viajantes

VANESSA MARIA BRASIL

*Professora do Departamento de História da UnB*

## INICIANDO A VIAGEM PELO RIO SÃO FRANCISCO

Era noite, e Saint-Hilaire  
Parou na serra o seu cavalo,  
Sob a chuva e a bofetada do trovão  
Europicamente deslumbrado.  
Carlos Drummond de Andrade .  
Espetáculo. Menino antigo (Boitempo – II).  
Poesia e Prosa, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983, [I]

Ressoam aqui, na mais alvoroçada celeuma,  
chiados e gorjeios sem fim dos mais diversos gêneros de aves, e,  
quanto mais observamos o raro espetáculo,  
tanto menos vontade sentimos de perturbar  
aquele cenário pacífico da natureza. (Spix e Martius, 1820)

Límpidas e abissais, turvas e transparentes, penetrantes e superficiais, agitadas e sonolentas, ondulantes e deslizantes, calorosas e refrescantes, vívidas e destruidoras, sombrias e luzentes, silenciosas e sonoras, rasas e transbordantes, livres e aprisionadas, unificantes e limitantes, lá vão elas, as águas do São Francisco.

Quem as conhece? Quem por elas navegou e em que épocas? Quem pôde ter, nos olhos e no corpo, a sensação contagiante dessas águas?

Alguns viajantes estrangeiros por elas navegaram, estudaram e transitaram, pois estiveram no Brasil dos oitocentos. Que emoções sentiram ao entrarem nessas águas seus corpos, suas idéias, seus planos, suas ações?

Sensações de alumbramento, de reverência, de afetividade, de religiosidade, de desencanto, de perplexidade, de riqueza, de pobreza. E contar histórias desse povo ribeirinho faz parte de suas metas? Essas histórias estão em seus relatos?

Pois bem, chegou o momento de darmos respostas a todas essas indagações. Mas em que águas e em que paragens essas repostas foram se desaguar? Após muitas braçadas, fomos encontrá-las num rio de papéis intitulados – literatura de viagem –, que consiste nos relatos cotidianos de inúmeros viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil e, em especial, os cinco estados banhados pelo rio São Francisco, durante a primeira metade do século XIX. Porém, para não ficarmos à deriva nessa imensidão de tempo e espaço, nós traçamos um curso. Vamos navegar pelo rio São Francisco, beirando as duas margens: a história e a literatura. A margem literária constitui fonte inesgotável de informações a respeito do rio São Francisco, seja de natureza técnica e/ou historiográfica. Com certeza, é um encontrar, um embolar, um emaranhar, um distanciar de águas distintas, mas no final elas terão um porto seguro.

Muitas vezes esses dados, mesmo os mais relevantes, nos são fornecidos de maneira assistemática e outras tantas vezes dispersas, assim como as águas do rio, quando resolvem emaranhar-se. Creio que chegou a hora de pedirmos ajuda, porque nosso fôlego diminuiu e, quem vem de barco é o historiador e literato Sérgio Buarque de Holanda, para nos informar sobre uma das mais importantes contribuições dos diferentes viajantes estrangeiros, assim que chegavam ao Brasil. Criar uma imagem do país, “uma vez que o olhar estrangeiro acaba por trazer ao habitante local um ponto de vista ignorado ou esquecido, reavivando um sentimento de pertencimento a um grande país” (HOLANDA, 1976, p.13,14).

Comprovamos que esse seu pensamento vai ao encontro dos relatos de Spix e Martius na obra “Viagem ao Brasil”. De acordo com os dois naturalistas, após recolherem vasto material de pesquisa, em várias localidades do Brasil, sempre apresentavam às comunidades os seus resultados e, que ficavam surpresos, pois este rico material era “alvo de admiração da gente da cidade, que peregrinavam em multidão à nossa casa, para ver as riquezas de sua pátria, tão pouco conhecida deles próprios” (Apud LISBOA, 1975, p. 115).

Nossa resistência aumentou? Nossas águas ficaram mais translúcidas? As águas das margens literárias e históricas se distanciaram ou se emaranharam? Só um pouco, é preciso mais luz. Afinal, quem escreveu essas narrativas sobre

o rio São Francisco abordou muitos assuntos. Além disso, os viajantes estrangeiros atravessaram águas salgadas antes de cá desembarcar. Outra salva-vidas trás mais uma bóia e diz: “Os depoimentos de viajantes, com explicações e aparato crítico adequados, contribuem para uma melhor e mais enriquecida compreensão do passado. Temos que cuidar, porém, para não cairmos na armadilha de aceitar as descrições e informações ali presentes como sendo a única e própria realidade”. (Reichel, Heloisa Jochims, p. 2)

Nossa Senhora dos Afogados!!!

E agora? É melhor nadarmos diretamente em direção a essas fontes e deixarmos emergi-las. Escolhemos as narrativas de quatro viajantes vindos de outras plagas, indivíduos das mais diferentes origens e propósitos. Todos eles são europeus, vivendo em contextos históricos distintos; alguns vieram de países em pleno desenvolvimento capitalista, como a França e a Inglaterra, outros são provenientes de regiões em processo de unificação, como o Império Austro-Húngaro. Alguns acontecimentos auxiliaram e impeliram a viagem desses naturalistas para outros mundos. Por exemplo, o estreitamento dos vínculos comerciais entre Portugal e Inglaterra e a consequente abertura dos Portos; o Congresso de Viena, o casamento de D. Pedro I, que favoreceu a locomoção dos viajantes estrangeiros, precedentes de várias partes da Europa continental.

As águas do rio São Francisco continuam revoltas. Mais uma vez contamos com o esclarecimento de outra navegante, pois ela também circulou pelas margens literárias e históricas dessas águas. É a Ana Maria Belluzo quem nos socorre, dizendo que os relatos de viajantes estrangeiros são um tipo de produção que só pode “dar a ver um Brasil e um rio pensado por outro”(BELLUZO, 1995, p.170). Em seguida chega mais um salva vidas, dessa vez um literato de peso, Antônio Candido nos alertando para o significado dessa visão estrangeira. Diz ele: “o europeu que chega se comporta geralmente como se fosse um foco absoluto. Ele detém conceitos, preconceitos e noções, mediante os quais vai organizar o mundo novo, e que é tão diverso do seu” (LEITE, 1996, p. 6-7).

É, precisamos ter cuidado para não afundarmos junto com esses estrangeiros, portanto, vamos elencar o quê buscar em suas águas, ou seja, em suas narrativas. Atentamos para os aspectos físicos, tais como o clima, a fauna, a flora, a navegabilidade, o relevo, os recursos minerais e, também, os aspectos sociais e culturais das populações ribeirinhas, sempre na perspectiva de que

esse tipo de literatura é fundamental para a apreensão da historicidade de um evento dado, pois traz a possibilidade de novas aproximações com a história do Brasil.

Durante uma parte do século XIX, os viajantes, mesmo os que desejavam ir para outras províncias brasileiras, detinham-se no Rio de Janeiro para obter licença e cartas de apresentação das autoridades e, em seguida, dar início às suas pesquisas.

### VIAJANTES ESTRANGEIROS CONVIDADOS: UM FRANCÊS MERGULHANDO NO RIO

Entre os que chegaram elegemos ingleses, austríacos e um francês, que percorreram o rio São Francisco, em suas respectivas províncias, na primeira metade do século XIX. Quando eles irão emergir das águas? Qual vai ser o primeiro a se apresentar?

E meio a um calor escaldante de um Brasil ainda Colônia, surge o botânico francês Saint-Hilaire, que aportou em nosso país em 1816, junto com a Missão Artística Francesa. Durante os seis anos de permanência no Brasil, esse botânico viajou por várias províncias, como Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Bahia, visitando inúmeras localidades. E quanto ao rio São Francisco? Calma, lá vem o Saint -Hilaire, todo esbaforido e suado, carregando uma porção de tralha e reclamando do calor : *Merde, merde!* Primeiro preciso conhecer as nascentes do rio para depois emitir minhas opiniões.

Lá se foram Saint-Hilaire e seus ajudantes. Eles pretendiam ir à Comarca de Paracatu e de lá a Goiás, mas se desviaram do caminho mais direto a fim de conhecer o rio São Francisco. Embrenharam-se mata adentro e, após algumas horas, começaram a ouvir um barulho ensurdecedor, logo identificado com o de uma cachoeira, que despencava de um dos lados da Serra da Canastra. De acordo com esse viajante, o “espetáculo arrancou dele um grito de admiração” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 104). A cachoeira, de nome Casca d’Anta precipitava sem violência , exibindo “um belo lençol de água branca e espumosa que se expandia lentamente, parecendo formar flocos de neve. As suas águas caíam desordenadamente, por uma encosta escarpada para formar o famoso rio São Francisco”(Idem, ibidem, p. 104-105).

Saint-Hilaire continua a sua caminhada por uma vegetação composta só de arbustos, mas logo adiante o terreno já se apresentava coberto de densas

matas, onde se viam numerosas palmeiras. A beleza da nascente do rio e dos lugares por onde andava fez o viajante ter saudade de sua terra natal e, num dado momento, comparou a paisagem local com a do seu país, comentando: “o leitor deve imaginar estar vendo em conjunto tudo o que a natureza tem de encantadora: um céu de azul puríssimo, montanhas coroadas de rochas, uma cachoeira majestosa, águas de uma limpidez sem par, o verde cintilante das folhagens e, as matas virgens, que exibem todo o tipo de vegetação tropical” (Idem, *ibidem*, p. 104).

Coroadas, majestosas, cintilantes todos esses elogios narrados pelo viajante francês nos fez lembrar as monarquias, francesa, portuguesa e quiçá brasileira. De uma coisa temos certeza, na opinião de Saint-Hilaire a nossa paisagem já era real.

Da nascente aos afluentes e enfim ao leito do rio, o São Francisco “é o maior da província das Minas e um dos mais importantes do Brasil” (Idem, *ibidem*, p. 279), assim comentou o botânico francês em parte de seus relatos. Mas que sensações esse rio proporcionou aos povos que viviam em suas margens e nos sertões adentro? O viajante narrador observou que em uma grande parte dos terrenos situados próximos ao rio, criava-se gado em quantidade ainda mais considerável do que nas partes altas do sertão. O botânico fez essa afirmação a partir dos seus contatos em outras partes dos sertões das Gerais.

Nesse trecho é importante explicar o significado de sertão para o viajante francês: “compreende, nas Minas a bacia do São Francisco e dos seus afluentes, e se estende desde a cadeia que continua a Serra da Mantiqueira ou, pelo menos, quase a partir dessa cadeia até os limites ocidentais da província” (SAINT-HILAIRE, 1938, p. 248). Mon Dieu! Tantas águas e agora tantos sertões!

No início dos oitocentos, lá em Portugal, a palavra sertão tornou -se sinônimo de interior, daquilo que se opõe ao marítimo, ao costeiro, e nos trópicos, as águas dos rios deram-lhe um novo banho. A navegante literária, Janaína Amado, deixa transbordar mais informações a esse respeito ao acrescentar que no início do século XIX o “sertão estava de tal modo integrado à língua usada no Brasil, que os viajantes estrangeiros em visita ao país registravam a palavra, utilizando-a várias vezes em seus relatos: Sain-Hilaire usou ‘sertão’ em mais de um livro, sempre designando as áreas despovoadas do interior do Brasil” (AMADO, 1995, p. 05).

Saint-Hilaire quis reforçar seu entendimento sobre sertão e volta nos

informando, que ao dizer “despovoada, refiro -me aos habitantes civilizados, pois de gentios e animais está povoada até em excesso” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 256). Com certeza outros significados de sertão vão surgir nos variados relatos escolhidos por nós, portanto, não podemos confiar nas primeiras águas. Devemos mergulhar profundamente nos rios históricos e literários. Para isso, convidamos o navegador histórico, Durval Muniz (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 39), que, após muitas braçadas, nos alertou que é fundamental, em nossas pesquisas, analisar os conceitos e as categorias conforme eles emergiram em cada momento histórico.

Dando continuidade ao nosso percurso ao longo do rio São Francisco e, voltando às narrativas de Saint-Hilaire, nos deparamos com esse botânico preocupado com o sertão, com o gado e com o futuro desse rio. Em um dado momento de sua narrativa, comenta que o sertão conhecerá novos recursos e, ao mesmo tempo, “restar-lhe-ão sempre gordas pastagens, terras férteis, e um rio que navegável em imensa extensão, estabelecerá úteis comunicações entre o país e o oceano” (SAINT-HILAIRE, 1938, p. 278).

Ao falar do comércio realizado por essas bandas, se lembra de outras províncias banhadas pelo São Francisco e as funções que lhe foram atribuídas, ao longo da história, a de união, de terras e de gentes. Diz-nos que o algodão pode ser exportado para “Pernambuco e Bahia pelo rio, e o feijão assim como o milho podem ser permutados pelo sal trazido da região das salinas, situada à margem do rio, e onde a excessiva seca se opõe ao cultivo dos cereais”(Idem, *ibidem*, p. 320).

O pesquisador francês continua observando e conferindo as funções atribuídas ao São Francisco e logo nos aponta mais uma delas, a de fixador, de atração natural, ao descrever uma cena sobre os costumes das pessoas que escolheram viver mais para o interior da região são-franciscana. “Felisberto nos recebeu maravilhosamente bem. Morava num casebre humilde, desprovido de conforto. Leite e feijão no nosso jantar, e por leite me deram um colchão de palha sem lençol. Mas tudo foi oferecido de bom coração” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 103).

Nem sempre Saint-Hilaire via o rio, suas riquezas, seu povo e os lugares por onde passava com tamanha benevolência. Às vezes, os mosquitos, os infernais borrachudos, mudavam o seu humor e as suas opiniões. Em sua passagem pela Comarca de Paracatu, depois de prolongada seca, o viajante estrangeiro comenta que ficou privado de arroz durante três semanas, o calor

era excessivo, o capim estava seco, não tinha flores, “alojamentos detestáveis e hospedeiros ignorantes e estúpidos”(Idem, *ibidem*, p.119). Enfim, a viagem foi “penosa para ele e infrutífera para a ciência”(Idem, *ibidem*, p. 119).

Alguns parágrafos depois desses comentários, o botânico francês parece se arrepende e nos informa que Paracatu “dispõe de todos os elementos propícios à riqueza e à prosperidade. Não somente se encontram aí jazidas de ouro e diamantes como também de ferro e estanho”(Idem, *ibidem*, p.123). Com relação à sua especialidade, comenta que “diversas plantas fornecem ao homem salutareos remédios, as terras são férteis e as pastagens imensas”. Diz ainda, que em vários pontos da Comarca pôde comprovar a existência de “águas minerais de valor inestimável para a cura de várias doenças e que permitia aos criadores de gado substituí-la pelo sal, gênero tão caro no interior do país”(Idem, *ibidem*, p.142).

Saint-Hilaire continua a sua longa caminhada pelas margens do rio São Francisco, observando minuciosamente tudo e todos que vê em seu caminho e, é claro, sem deixar de emitir as suas opiniões, nem sempre coerentes, acerca das habitações e das populações ribeirinhas. Quanto às habitações, ele nos informa que eram “miseráveis palhoças. O que há de extraordinário em tudo isso é que são homens brancos que moram nessas palhoças”(Idem, *ibidem*, p. 120). Ao falar das populações locais, ele aproveita para analisar a questão da ‘cor’ de seus habitantes e comenta: “Nem toda a população é composta de homens de cor e, muitas vezes, a cor não corresponde aos bons costumes e à educação”(Idem, *ibidem*).

Antes de partir rumo a Salgado ou brejo do Salgado, paróquia que tem “quarenta léguas de comprimento por vinte de largura e cuja população atinge 8 mil almas”(Idem, *ibidem*, p.121), o botânico decide descansar, acampando a margem desse rio. Pelo jeito descansar o corpo, pois a sua língua não parecia cansada. Conseguiu ver que o local compunha-se de “meia dúzia de cabanas cahindo em ruínas e, a maior parte dellas abandonada”(Idem, *ibidem*, p. 119).

Saint-Hilaire continua sua caminhada e, pouco depois comenta: “Ao me aproximar de Paracatu encontrei finalmente uma pessoa com a casa bem cuidada, mais do que a maioria das outras e com quem pude conversar. O extraordinário no caso é que esse homem era um mulato”(Idem, *ibidem*, p. 123), diz ele. Parece que o sol claudicante da viagem esquentou a sua cabeça e seus pensamentos.

Após um bom descanso, o viajante francês descreveu um por de sol admirável e o rio São Francisco deslizando com extrema lentidão nessa localidade. “O céu era da mais bela cor de púrpura, o rio refletia essa cor brilhante, uma calma profunda reinava na natureza, algumas canoas pareciam voar sobre as águas e nem sequer enrugavam-lhe a superfície”(SAINT-HILAIRE, 1938, p. 328). Que você descanse sempre, Sain-Hilaire!

Acreditamos que ele, infelizmente, deve ter passado a noite deitado sobre suas malas e não em sua cabana, pois dentro desta os “bichos de pé são muito numerosos”(Idem, ibidem, p. 362).

Em outro trecho de seu diário, ele relata que os “terrenos próximos as duas margens do velho Chico apresentavam-se impregnados de sal e que os habitantes de Salgado sabiam extrai-lo e dele faziam “um importante objeto de comércio”(Idem, ibidem, p. 332).

O açúcar e a aguardente principais gêneros dessa localidade eram constantemente oferecidos em troca de sal. Ele continua nos contando que a prosperidade reina entre os habitantes de Salgado devido ao importante comércio realizado por vários mercadores, possibilitando maiores oportunidades de lazer, para alguns setores dessa comunidade. “Parece que vários deles possuem grande quantidade de escravos, e meu proprio hospedeiro tinha setenta”(Idem, ibidem, p. 333). Ali ele observou que as pessoas “jogavam cartas e gamão, ouviam música e dançavam alegremente. Uma vez até ensaiaram e apresentaram uma peça de teatro em sua homenagem “ (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 133).

Enfim, um Sant-Hilaire menos ‘salgado’. Sua viagem segue para a província de Goiás, mas não vamos acompanhá -lo nessa jornada, pois o rio São Francisco não corta essa província. Quanto a sua despedida do Brasil, só vamos entendê-la lendo as últimas partes de seu diário e, em particular, os ‘votos do autor’. Saint-Hilaire deixou claro que gostaria de ter os seus apelos e conselhos atendidos. Por quem? Onde? Tentemos compreender suas palavras: “Quanto a mim, se vier, a saber, que meus fracos apelos foram ouvidos, que alguns conselhos produziram frutos, jamais lamentarei ter passado perdidos nos sertões, em meio a privações, longe de minha família e de minha pátria, os mais belos dias da minha existência”(Idem, ibidem, p.189). Segue a sua narrativa, agora lamentando sobre a perda de sua saúde, pois “paguei a dívida da hospitalidade, e minha passagem pela terra não foi inútil”(Idem, ibidem, p.190).

Um tanto dramático esse monsieur Saint-Hilaire!

## MUDANÇA DE RUMO – DOIS BÁVAROS EMBARCAM NESSA VIGEM PELO VELHO CHICO

Atento a todos os movimentos, tanto em suas margens quanto dentro de suas águas, o rio São Francisco continua o seu curso em direção ao mar. Quem será o próximo a me visitar, a me desvendar? Atravessando o Atlântico rumo ao Brasil, lá vem outro viajante, de língua enrolada, para conhecer o rio de tantas histórias.

Valei-me meu São Francisco, dessa vez são dois, os bávaros Spix e Martius, que pretendem passar uns três anos visitando várias províncias brasileiras, no período de 1817 a 1820, e com certeza vão cruzar com o ineqüívoco viajante francês, que ainda continua seus estudos científicos pelo país. Eles vêm a bordo do navio que traz a D. Leopoldina, arquiduquesa d'Áustria, para se casar com D. Pedro I. De acordo com esses dois estudiosos, foi o amor à ciência que os conduziu para terras tão longínquas e, em especial, para o rio São Francisco. Eles irão percorrer as províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas, estudando a fauna e a flora brasileira. Quem sabe em dupla, o humor desses dois viajantes seja mais agradável!

Vários aspectos observados por Saint-Hilaire, com relação ao rio São Francisco, as províncias banhadas por ele e as cidades que o margeiam, também serviram de pesquisa para Spix e Martius: a vegetação, os minerais, os animais, a formação geológica, os afluentes desse rio, as doenças típicas dessas regiões, a navegação e as embarcações, as populações ribeirinhas e seus hábitos e costumes, enfim, a imponência desse rio impressionou tanto os dois pesquisadores, que eles estudaram, relataram e desenharam muito mais do que o previsto em suas profissões de naturalistas e zoológicos.

Ao sair do Rio de Janeiro com as suas cartas de recomendação, os viajantes bávaros adentraram o sertão rumo ao rio que tem nome de santo, São Francisco. O início da viagem científica significa também o início das observações, das anotações e coletas e dos comentários da dupla a respeito de tudo que viam.

Depois de forçar o caminho através da mata intensa, “cheios de alegria, avistamos o rio São Chico passar suas ondas espelhentas em majestosa calma

diante de nós” (SPIX&MARTIUS, 1981, p. 88). Dentro desse clima de admiração, os naturalistas sentiram que a força das águas desse rio iriam reanimar-lhes os ânimos, para seguir viagem e finalmente alcançarem, “depois de tantas atribuições e desventuras, a margem do abençoado rio hospitaleiro” (Idem, *ibidem*, p. 218). A viagem prossegue nas Minas Gerais, com os dois viajantes observando que o rio era, já naquela época, a “via usual do comércio” (Idem, *ibidem*, p. 91) de uma grande parte do sertão das Gerais. O São Francisco transportando os seus produtos para a Bahia “com facilidade maior do que em lombo de mulas ao Rio de Janeiro e em troca recebendo o sal das salinas situadas ao norte do rio, além de mercadorias européias” (Idem, *ibidem*, p. 91).

Tomara que o sal não amargue o humor desses naturalistas, até o momento muito agradável. Felizmente eles continuam a viajar por trechos do rio São Chico onde existe uma quantidade de pequenos engenhos, apesar de “muito pouco açúcar ser produzido. A produção é “quase que exclusivamente de rapadura parda, sendo a maioria despachada rio abaixo para a província da Bahia”(Idem, *ibidem*, p. 91).

Além de relatarem que o São Francisco derrama as bênçãos de um grande rio sobre toda a população ribeirinha, os dois naturalistas alemães matam um pouco da saudade da terra natal ao afirmarem que o rio os faz lembrar o “pátrio Reno na parte onde ele sai apertado dos montes, percorrendo de Bonn em diante, férteis planícies” (Idem, *ibidem*, p. 221).

Ainda em Minas, ficam impressionados com a abundância e variedade de peixes, tanto no rio São Francisco quanto em seus principais afluentes, e com a riqueza das aves às margens desse rio. Já é hora de sair das Minas Gerais, atravessar o sertão da Bahia até Juazeiro, às margens do rio São Francisco. No transcorrer do caminho eles deparam com tropas de mulas e comentam que elas saem das províncias do “Rio Grande do Sul e de São Paulo e que geralmente são tocadas ao longo desse rio, em direção à província da Bahia” (Idem, *ibidem*, p. 228).

Mais uma vez os bávaros ficam impressionados não só com a quantidade, mas com a qualidade das “espécies de animais fantásticos, como os variados tipos de morcegos que habitam as Minas Gerais, principalmente as regiões das grutas que margeiam o rio São Francisco” (Idem, *ibidem*, p.81). Segundo Spix e Martius, os morcegos em “numerosos bandos atacam o gado à noite e muitas vezes obrigam os habitantes a abandonar as suas fazendas e retirar-se

para regiões mais sossegadas” (Idem, *ibidem*, p. 81).

Com relação à riqueza das aves que vivem às margens do velho Chico, os dois viajantes gastaram páginas e páginas em seus diários, tanto em relatos quanto em desenhos. As aves que lá e cá gorjeiam e falam, essas, então, foram merecedoras de incontáveis elogios.

Mas qual não foi a nossa surpresa, ao depararmos, em uma das páginas desse precioso diário, com uma cena no mínimo estarrecedora. O Sr. Dr. Spix, não contente com a refeição frugal que lhe foi oferecida, em um dos trechos da viagem decidiu contribuir, para completar o cardápio de feijão e toucinho, com os produtos de sua vitoriosa caçada: alguns verdejantes papagaios. Pobres louros, o que diriam eles a esse bávaro caçador, tão preocupado com a nossa exuberante fauna? Curupaco, papaco...

E a expedição continua rumo às terras das Gerais. Novos gêneros de caça iam surgindo, como caititus, veados, onças e antas. Spix, Martius e seus companheiros de viagem comentam alegremente: “É muito agradável a caçada a esta última, pois não tem perigo algum” (Idem, *ibidem*, p. 83). O perigo não estava com as antas, pois elas cotidianamente saíam dos brejos em direção às matas e mal sabiam que homens caçadores estavam atrás das grossas árvores, tomando posição para atacá-las com balas de espingarda. Alguns mais arrojados “arremessavam um facão largo no meio do peito da anta passando a toda pressa” (Idem, *ibidem*, p. 84). Comentavam esses homens que essa atitude era bem arriscada, “embora o animal não pudesse ferir com os dentes, nem com as garras, só o formidável embate, que ele der com o focinho, basta para ferir seriamente” (Idem, *ibidem*, p. 83). Relatam ainda, que tiveram a sorte de matar duas antas grandes em um só dia, e de “capturar uma cria para amansar” (Idem, *ibidem*, p. 83).

Pobre santo, o Francisco, não é à toa que ele decidiu ser o protetor dos animais, além de dar nome ao rio.

As águas do velho Chico continuam a deslizar, as folhas das árvores a balançar, algumas vezes fora do ritmo normal, incomodadas com o ruído das armas. Numa pausa do dia, entre relatar e caçar, podem os caçadores europeus abandonar-se às impressões do sossego da mata brasileira e apreciar os buritizais, ornamento característico da bacia do rio São Francisco. O buriti, “um dos mais belos produtos do mundo das plantas” (Idem, *ibidem*, p. 103) fornece aos habitantes da região fios e fibras resistentes para a cobertura das palhoças; a seiva dos caules produz uma bebida agradável, semelhante à água

da bétula” (Idem, *ibidem*, p. 103) e a polpa do fruto, misturada com outros ingredientes, é doce apreciado e artigo de comércio do sertão de Minas com a costa.

A natureza pródiga beneficia também as mulheres, pois a “fertilidade delas e o crescimento da população no norte de Minas é um dos fenômenos mais prodigiosos” (Idem, *ibidem*, p. 85). De acordo com Spix e Martius, um hospedeiro de Contendas contou-lhes que o trecho “entre o rio Verde Grande e o rio São Francisco conta com quase 10 mil almas” (Idem, *ibidem*, p. 87). Para constatar a fertilidade da região, das mulheres e dos homens, esses viajantes nos descrevem que “certa mulher de pouco mais de 50 anos, moradora de Contendas, tem 204 descendentes vivos; outra, que aos setenta anos casou-se com um velho da mesma idade, deu -lhe trigêmeos, que ainda vivem” (Idem, *ibidem*, p. 86). Nem a bíblia explicaria tamanho milagre! Os viajantes também ficaram admirados com as mulheres novas: “não é raro ali uma moça de apenas 20 anos, já ser mãe de oito a dez filhos” (Idem, *ibidem*, p. 86). Entre os homens, encontram-se velhos ativos, vigorosos, “de altura gigantesca, que conservam todo o humor da virilidade” (Idem, *ibidem*, p. 86).

A mortalidade era muito pequena, “morrem apenas três a quatro pessoas por ano, ao passo que nascem 70 a 80” (Idem, *ibidem*, p. 86). A prole numerosa não constitui motivo de queixa e miséria.

Após tantas notícias, a expedição dirigida pelos dois viajantes força caminho pela orla do mato, que o povo chama de alagadiço. Cheios de alegria e ânimo, avistaram outro trecho do rio São Francisco: “o majestoso rio resplandeceu, ondulando placidamente” (Idem, *ibidem*, p. 221), sob o olhar atento dos dois naturalistas.

Em meio às andanças pelas matas, pelas margens do rio e diferentes localidades, os bávaros comentaram que precisavam pesquisar e anotar muitos dados sobre aquela expedição ao interior do Brasil, porque ao sair de seu país teriam declarado o “amor a Vossa Majestade e à ciência” (Idem, *ibidem*, p. 02). Também não podiam esquecer que vieram na bagagem da D. Leopoldina e que, ao chegar ao Rio de Janeiro, eles contaram com valiosos recursos de D. Pedro I, para iniciar os trabalhos.

Hoje sabemos que a produção científica dos dois naturalistas bávaros, resultado dessa expedição, é extremamente importante, com várias obras publicadas e que os dois, em especial o Martius, não se limitou à taxonomia e nem mesmo à botânica. Ele escreveu sobre as plantas medicinais brasileiras, fez

observações fitogeográficas, estudou etnografia, assuntos lingüísticos, o costume dos indígenas brasileiros, organizou mapa fitogeográfico do Brasil, além dos incontáveis desenhos de cenas da fauna, da flora e do povo ribeirinho.

Vamos observar detalhadamente as narrativas desses dois viajantes, principalmente depois desses compromissos e preocupações assumidas. Sobre o velho Chico e as comunidades ribeirinhas, as informações são riquíssimas e variadas, porque de acordo com Spix e Martius, a “imponência e importância do rio deixaram-nos impressionados” (Idem, *ibidem*, p. 70).

Ao viajarem do sertão até o rio São Francisco, uma soma enorme de anotações foi realizada e, dentre elas, a qualidade da água, que para eles “embora fresca e potável era enjoativa e parecia ser um dos fatores da malária, tão predominante e devastadora na grande região desse rio.” (Idem, *ibidem*, p. 78)

Nada como um bom descanso ao ar livre para amenizar a opinião desses naturalistas, pois nesse momento eles “nem sentiam a falta da agradável e saudável água do rio São Francisco” (Idem, *ibidem*, p. 104).

As grandes cheias, assim como as grandes secas, os afluentes das duas margens do rio São Francisco ocuparam muitas páginas de seus diários. Vale ressaltarmos as anotações, os desenhos e comentários feitos com relação à fauna e à flora brasileira e, em especial, as da região são franciscana.

Na flora dessa intensa e rica região eles notaram uma “decisiva predominância das plantas das famílias das Nopáleas, Verbenáceas, Malváceas, Terebintáceas, Rutáceas” (Idem, *ibidem*, p. 103), valei-nos São Francisco, quantos nomes complicados! Destacaram mais uma vez estar encantados com os buritizais, que segundo os dois bávaros, caracterizam e ornamentam a bacia do velho Chico.

Nesse vai-e-vem, nesse sobe e desce o rio e seus afluentes, Spix e Martius decidem demorar um pouco mais em Contendas. À margem do rio, os dois botânicos encontraram uma melhor oportunidade para fazer as suas anotações médicas. Relataram que em vários trechos às margens do São Francisco as “febres são endêmicas e reina grande disposição para elas, além de inflamações no peito e no abdome serem bem comuns nas proximidades do rio” (Idem, *ibidem*, p. 96 ). Notaram também que na parte alta do sertão das Gerais a população tinha um aspecto mais saudável .

Uma cena diferente distrai o olhar dos naturalistas e os fazem mudar de assunto. Outra enorme tropa de mulas vindas das províncias do Sul e de São

Paulo, “geralmente são tocadas ao longo do rio São Francisco à província da Bahia” (Idem, *ibidem*, p.199). A curiosidade aumentou, pois os naturalistas queriam saber qual o conteúdo das cargas e, por isso, várias perguntas fizeram aos tropeiros. Os produtos eram os mais diversos, como “açúcar bruto, cachaça, farinha, fumo (Idem, *ibidem*, p.111)” que deveriam ser trocados com o sal daquela localidade. Foram informados, ainda, que pelo leito do rio São Francisco já era habitual, naquela época, o transporte de uma grande parte desses produtos do sertão das Gerais para a Bahia, chegando até o Rio de Janeiro e que os tropeiros preferiam “o transporte pelo rio ao invés de tropas de mulas” (Idem, *ibidem*, p. 228).

Aproveitando o assunto acerca de transporte pelo rio, os naturalistas emendaram, em seguida, o tema sobre navegação fluvial. E as funções de separar, unir, dividir, transportar atribuídas ao São Francisco, ao longo de sua história, foram brotando nos relatos de Spix e Martius. Notaram *in loco* que o rio “separa as capitânicas da Bahia e Pernambuco, e Registro, situado à margem setentrional do São Francisco, frente a Juazeiro, faz parte de Pernambuco” (Idem, *ibidem*, p. 221).

Em outra página do diário, anotaram que “estando em Juazeiro poderiam continuar viagem por uma parte da província de Pernambuco, em direção a Oeiras, capital do Piauí” (Idem, *ibidem*, p. 252).

Mais uma vez as funções de travessia e de fronteira atribuídas ao rio surgem em seus inúmeros relatos, ao comentarem que “atravessaram um lugar raso do Carinhonha e, ao meio-dia, voltamos outra vez ao rio, em cuja margem setentrional tínhamos que prosseguir até a sua foz no São Francisco. Este rio, que forma aqui a fronteira entre Minas e Pernambuco” (Idem, *ibidem*, p. 113).

Voltando a narrar sobre a navegação nesse rio, os dois viajantes chamam a atenção do leitor para os tipos de embarcações que conheceram, por exemplo, as simples barcas e ajoujos (canoas amarradas, uma ao lado da outra). Para os dois viajantes, a navegação fluvial se destaca não só pelos tipos de transporte, mas, também, pela grande importância no crescimento da população e do comércio, pois, “desde São Romão até Juazeiro, na província da Bahia e, com o crescimento da população e do comércio, os poucos casebres do povoado se transformarão brevemente em próspera cidade” (Idem, *ibidem*, p. 91).

A viagem prosseguia ora sertão adentro, ora pelas margens do rio. E ao longo do percurso nenhum acontecimento alterou o humor dos estrangeiros?

Nada de mosquitos? E os animais selvagens? Como diz o velho ditado, quem procura, acha, fomos revirando as páginas dos diários e foram surgindo as reclamações. Para debulhar o rosário de queixas os naturalistas escolheram uma localidade, Malhada, “por sua posição insalubre, é entre as povoações do rio São Francisco, a de pior reputação” (Idem, *ibidem*, p. 115). Agora aumentou a nossa curiosidade. Por que será? Acabamos de descobrir ao virarmos mais uma página do diário dos viajantes: “Malhada apresentava um número muito grande de doentes de fígado e baço, calor insuportável e o pior, a quantidade de roubos sem nenhum tipo de punição” (Idem, *ibidem*, p. 116).

Em outra parada para descanso, os dois estrangeiros lembraram a época em que colonos europeus se espalharam da província da Bahia para a província do Piauí, entre os anos de 1674 e 1700 e, pouco mais tarde, deram início às viagens pelas Minas Gerais, pelo rio São Francisco abaixo. Nesses percursos, os colonos europeus presenciaram a “fundação de muitas missões pelos franciscanos, que já se encontravam na Bahia” (Idem, *ibidem*, p. 216).

Ao narrar sobre essas missões, os naturalistas comentaram ainda o papel dos religiosos na catequese dos índios e desenharam cenas de “várias tribos indígenas que, durante os meses secos, se direcionavam para as margens do rio São Francisco, onde viviam principalmente da pesca, pois havia abundância de peixes” (Idem, *ibidem*, p. 216).

Assim como Saint-Hilaire, os dois bávaros gastaram páginas e mais páginas de seus diários, relatando acerca da produção de salinas e do comércio de sal realizado nas feiras, com comerciantes de Minas Gerais, assim como o despacho do produto para todo o interior do país via rio São Francisco. O sal era importante não só para o comércio, mas também para alguns animais. “O gado, que pasta em grandes rebanhos nestas campinas, procura o sal com avidez, e lambe os barrancos, às vezes em longas filas, numa camaradagem pacífica” (Idem, *ibidem*, p. 114). De acordo com Martius, esse comportamento parece ter passado dos animais para os homens: “Quero referir-me à irreprimível vontade que tem as crianças de comer terra” (Idem, *ibidem*, p. 87). Ele viu meninos e meninas comerem a “terra margosa, às vezes o revestimento calcário das paredes” (Idem, *ibidem*, p. 87) e, segundo o naturalista, só uma vigilância constante poderia impedir tal hábito. Continua relatando que “parte do material indigesto não pode ser eliminada, e ocorre a inchação das glândulas abdominais”. As crianças são barrigudas, pálidas, raquíticas e, “quando não morrem, sofrem de câimbras ou hidropisia” (Idem, *ibidem*, p. 87).

Ilustres naturalistas, esse mal é causado por vermes e lombrigas. Em seguida ouvimos uma pergunta com sotaque carregado: *Uma pessoa falar alguma coisa?*

Sim, nós leitores e moradores dessas regiões ribeirinhas acostumadas que somos, com essa cena, crianças barrigudas comendo terra, resultado da quantidade de vermes. Elas são tratadas com as plantas locais. Como os senhores botânicos constataram em suas pesquisas, “a natureza daquela região fornece-lhes a opulência de suas poderosas plantas medicinais, que merecem a máxima consideração dos médicos, e muitas das quais deveriam, no futuro, enriquecer a farmacopéia da Europa” (Idem, ibidem, p. 87).

Até aquele momento, o humor dos dois naturalistas não tinha sido contaminado pelo sal, mas em outro trecho de suas narrativas, *o paciência* dos estrangeiros nos pareceu bem menor. Notávamos que a impaciência dos dois viajantes aumentava, à medida que erravam mais o nosso idioma. Ao descrever o sertanejo dessa região são franciscana, não foram nada felizes, como veremos a seguir. Para os naturalistas, o “sertanejo é criatura da natureza, sem instrução, sem exigências, de costumes simples e rudes. Envergonhado de si próprio e de todos que o cercam, falta-lhe o sentimento da delicadeza moral, o que já se demonstra pela negligência no modo de vestir; porém é bem intencionado, prestativo, nada egoísta e de gênio pacífico” (Idem, ibidem, p. 76).

Não nos parece um tanto precipitado, esse julgamento com relação ao sertanejo? Os dois viajantes estiveram pouco tempo no país e, menos ainda, nessa imensa parte dos sertões brasileiros? E não terminam aí as considerações dos estrangeiros a respeito dessa figura complexa que é o sertanejo. Nas páginas seguintes, eles continuam a narrar que a “solidão e a falta de ocupação espiritual arrastam-no para o jogo de cartas e dados e para o amor sensual, no qual, incitado pelo seu temperamento insaciável e pelo calor do clima, goza com requinte” (Idem, ibidem, p. 103).

Nesse momento, prefiro me lembrar do verso de uma canção: “não existe pecado, do outro lado, do Equador...” (Francisco Buarque Holanda; Ruy Guerra, 1978). Somos obrigados a retirar outro trecho de suas narrativas onde os naturalistas falam: “o ciúme é quase a única paixão que o leva até ao crime” e “ademais, só a mínima parte dos sertanejos é de origem puramente européia; a maioria consta de mulatos, na quarta ou quinta geração; outros são mestiços de índios com negros ou de europeus com índios...” (Idem, ibidem, p. 102). Pensando melhor, Euclides da Cunha definiu sabiamente esse homem,

“o sertanejo é antes de tudo, um forte...” (CUNHA, 1994, p. 95)

Além de subir e descer várias vezes o rio São Francisco e seus afluentes, os viajantes estrangeiros, por inúmeras vezes, levantaram e abaixaram os seus olhares e, dessa vez de encantamento, para descrever e desenhar as aves e os peixes dos rios.

Na fazenda Capão, às margens do rio São Francisco, mais especificamente à beira de uma grande lagoa formada por esse rio, os dois naturalistas foram “transportados a um país inteiramente diverso. Eram “matas virentes, que orlavam extensas lagoas piscosas”(SPIX & MARTIUS, op.cit., p. 96). A variedade e a quantidade de peixes eram assustadoras e, de acordo com os naturalistas, páginas e páginas seriam necessárias para anotar os seus nomes, como: “pacu, surubim, dourado, cascudo, pirá -tamanduá, acari, mandi, piau, traíra, bagre, sarapó, piranha ordinária e roduleira, curumatã , mandipintado” (Idem, ibidem, p. 97) e mais, muito mais. Em outra lagoa, nessa mesma fazenda, outra cena chamou-lhes atenção, pois contaram “mais de quarenta jacarés, uns deitados nas margens, outros inquietos por nosso ruído. Os maiores desses animais tinham oito a nove pés de comprimento, couraça esverdeada e focinho rombudo” (Idem, ibidem, p. 83).

De repente, um estrondoso barulho mudou a direção de seus olhos, agora voltados para o alto. Os dois botânicos disseram ainda extasiados: “Ressoam aqui, na mais alvoroçada celeuma grasnada, chiados e gorjeios sem fim dos mais diversos gêneros de aves, e, quanto mais observávamos o raro espetáculo da natureza, menos vontade sentíamos de perturbar, com mortíferos tiros, aquele cenário pacífico da natureza” (Idem, ibidem, p.84).

Papagaios!!! Em um cenário poético, pacífico, colorido e encantador, os dois bávaros ainda pensaram em “mortíferos tiros”!

Felizmente um bando de marrecos, numerosos quero-queros voou rápido por sobre suas cabeças, levando embora aqueles pensamentos ruins. E a riquíssima variedade de animais volta a perturbar-lhes, anotando mais uma vez que “viram mais de 10.000 animais reunidos. Parecia-nos ter-se renovado o quadro da criação do mundo diante dos nossos olhos, e esse maravilhoso espetáculo nos teria ainda agradavelmente impressionado, se não nos ocorresse o pensamento de que a guerra, a eterna guerra, era a lei e misteriosa condição de toda existência animal” (Idem, ibidem, p. 82). Pasmem senhores leitores sobre esse comentário dos naturalistas. Realistas em excesso? Visões de mundo distintas?

A viagem pela região são franciscana estava chegando ao final, por essa razão escolhemos como último trecho do diário desses dois viajantes, um momento mais ameno, mais descontraído: um dia de festa no coração do sertão. Uma das fazendeiras ricas da região os convidou para participar de uma solenidade religiosa muito tradicional. Lá os viajantes puderam constatar que o comércio e a riqueza proporcionaram uma “sociabilidade e costumes amenos. Solenizaram-se aqui, com decoro e pompa, várias festas da Igreja, entre outras uma inteiramente nova para nós” (Idem, *ibidem*, p. 93).

A senhora rica tinha feito a Nossa Senhora, a promessa de uma procissão e, qual não foi a surpresa dos bávaros, quando viram que a “dama, vestida de gala, conduzia o séquito até a Igreja (Idem, *ibidem*, p. 93) O convite da ilustre dama era para “assistirmos a missa, e de lá voltarmos todos a casa dela, onde estava posta uma grande mesa com as mais finas iguarias e vinhos escolhidos e, sobretudo, deliciosos doces, para serem deleitados o dia inteiro” ( Idem, *ibidem*, p. 94).

Essas horas alegres decorridas na casa da gentil senhora só foram perturbadas pelas preocupações com o prosseguimento da viagem. Para felicidade dos dois naturalistas, um novo guia foi arranjado, um experiente paulista, para acompanhá-los de volta ao mar.

Como foi a saída de cena desses bávaros naturalistas? Mais uma vez recorreremos aos seus diários e, nas últimas páginas amareladas e amarrotadas, encontramos essa despedida. Os dois viajantes chegaram à conclusão que a relação dos fatos de sua viagem ao Brasil e dos seus resultados científicos gerais “corresponderam aos seus encargos relativos à botânica e à zoologia” (Idem, *ibidem*, p. 320). Comentaram ainda, que o país de origem depois de muitos séculos fechados às investigações dos europeus, deu-lhes uma rica oportunidade de “enriquecer com fatos aquelas ciências “ (Idem, *ibidem*, p.320). Pareceu-lhes também mais acertado “coleccionar durante a viagem, exemplares tanto de formações geológicas quanto etnográficas e, em particular, de animais e plantas, dar assento em nosso diário, as descrições e notícias minuciosas” (Idem, *ibidem*, p. 320), e, com isso, preparem uma exposição científica quando de volta à pátria.

Por falar em horas e também em anos, já faz um bom tempo que não nos deparamos, nem nas estradas de terra, nem sertão adentro, muito menos nas margens dos rios, com viajantes esbaforidos, avermelhados, suados, reclamando de calor e se comunicando mais com gestos do que com palavras.

É verdade que estamos sentindo falta dessas cenas. Já estamos quase no final da década de trinta dos oitocentos, na passagem de 1836 para o ano seguinte. Será que vamos ter surpresas?

### **O ÚLTIMO CONVIDADO A PERCORRER O RIO: O PONTUAL VIAJANTE INGLÊS**

Santo Antônio das roças grandes! Leitores e leitoras! Esfreguem bem os seus olhos e vejam mais adiante quem vem chegando, com sua tradicional pontualidade britânica. É o botânico inglês George Gardner, quase 20 anos após a saída dos dois naturalistas bávaros.

Além do peso de sua bagagem, sua mente também pesava com a quantidade de informações adquiridas por outros viajantes, que aqui estiveram e que lhes narrou, ainda na Europa, a beleza e a variedade de riquezas naturais, a grandiosidade de cenários existentes nos países dos trópicos. Ele esperava encontrar um campo vasto e inexplorado para as suas investigações, apesar das informações de naturalistas que aqui estiveram antes de sua chegada.

Que surpresas nos aguardam? A primeira é que Gardner era um naturalista de origem escocesa. Chegou ao Brasil em 1837, nos últimos anos do período regencial, e aqui permaneceu até 1841.

O país se encontrava em ebulição com tantas mudanças. Tínhamos uma Constituição desde 1824, o colégio Pedro II, O IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro); o Arquivo Público e, em 1840, deu-se o início do Segundo Reinado, com o imperador Pedro II, enfim, o Brasil não era o mesmo dos dois naturalistas bávaros e do francês, aqui estudados.

Em meio a todas essas transformações, George Gardner coletou vasto material sobre a fauna e a flora brasileira, além de numerosos relatos dos costumes e hábitos da população das províncias de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas, Piauí, Maranhão e Goiás. Fazem parte de suas anotações ricas informações geográficas e históricas dessas províncias visitadas e pesquisadas. Enfim, realizou quase o mesmo trabalho que os outros três viajantes estrangeiros citados anteriormente. Nosso objetivo maior é observar as pequenas nuances, ou seja, o que difere, nas páginas de seu diário, as anotações sobre o rio São Francisco e seus afluentes, o viver das populações ribeirinhas e as funções atribuídas ao rio no transcorrer de sua história. Enfim, como George Gardner viu, sentiu, anotou, pesquisou esses mesmos assuntos,

uma vez que viajou pelas mesmas províncias visitadas pelos naturalistas que o precederam.

De acordo com as palavras desse botânico, vários são os motivos de sua viagem ao Brasil, mas a motivação inicial partiu das minuciosas descrições, feitas por Humboldt e outros viajantes, sobre as belezas e variedades de produtos naturais dos países dos trópicos e dos diferentes cenários das montanhas. As ricas produções vegetais do Brasil, menos conhecidas dos ingleses, aumentaram o seu desejo de viagem rumo a América do Sul e, não menos importante, a orientação do seu professor de botânica, Sir William T. Hooker, que foi o seu patrocinador.

O botânico inglês iniciou a sua viagem pelo rio São Francisco de forma diferente dos seus antecessores, pela foz do rio, ao invés da nascente, portanto, pela província de Alagoas, pelo menos é dessa forma que está dividida a sua obra. A partir daí vamos observar os seus relatos. O rio São Francisco seria o seu guia, para atingir o interior das regiões banhadas por ele, especialmente por ser navegável, sem interrupção, por um longo percurso em direção à primeira província a ser conhecida Alagoas. A vontade desse viajante era fazer uma excursão pelo velho Chico, rio acima até chegar à cachoeira de Paulo Afonso. Assim foi ele com a sua equipe até atingir uma aldeia de nome Peba, “cerca de 5 léguas ao norte da embocadura do rio São Francisco e término de sua viagem marítima” (GARDNER, 1975, p. 63).

Uma fala em comum com os viajantes estrangeiros vem brotando, nas páginas do seu diário, as diversas funções atribuídas ao rio e, nesse momento, a função de separar é comentada: “como o São Francisco separa a província de Alagoas da de Sergipe, é fácil ver que Vila Penedo pertence à primeira e Vila Nova à última” (Idem, *ibidem*, p. 64).

*Oh my God!!!* Exclamava o viajante inglês. Preciso arranjar transporte para continuar a minha viagem em direção a outros lugares. Uma preocupação certamente inglesa, pois o botânico acabara de chegar à aldeia de Peba e já pensava em dar continuidade às suas pesquisas. Sua ansiedade era tanta que conseguiu tratar com o dono de um carro de boi, para lhe levar a bagagem a Piassabuçu, pequena aldeia da margem norte do São Francisco. Pelo jeito não gostou do local.

Em Vila Penedo, no ano de 1838, o viajante inglês observou e recolheu espécimes de rocha de “arenito branco e grosso, semelhante às que vira na costa entre o rio São Francisco e Pernambuco” (Idem, *ibidem*, p. 65). Outras

rochas de gnaiss e xisto micáceo lhe chamaram a atenção durante sua travessia, tanto na costa quanto nas margens desse rio. As primeiras anotações do botânico destacam as povoações e os tipos de rochas da região. Durante o percurso, ainda em 1838, ele se depara, porém, com uma paisagem totalmente distinta das firmes rochas: uma grande enchente.

Suas palavras são de espanto, uma vez que estava atravessando vários trechos do rio em ajoujos, as canoas unidas, levando cavalos e pesadas bagagens. Com a enchente, as águas do São Francisco “subiram cinco pés acima do nível do assoalho e as paredes ainda conservavam os sinais evidentes do fato” (Idem, *ibidem*, p. 69). Era impossível realizar a travessia.

O inglês, acostumado aos rígidos horários e compromissos, foi obrigado a encher várias vezes o seu cachimbo, com um perfumado fumo, e dar boas baforadas para não ficar estressado. Entre uma fumaça e outra, traçou novos planos, ou melhor, começou a estudar os planos do governo imperial, com relação à navegação a vapor. Seria viável?

*Well!* Bem! Vamos aos mapas. Gardner ouviu ainda no Rio de Janeiro, que havia um plano de se estabelecer a navegação a vapor “entre a costa e as províncias centrais do Brasil, pelo rio São Francisco e, só em observar os mapas desta parte do império, lhe pareceu que a natureza oferecia todas as facilidades para a realização desse feito” (Idem, *ibidem*, p. 73). Não são estudos meus afirmou o inglês.

As águas do rio alheias a todos esses estudos, continuavam a subir. Mais fumo no cachimbo e mais baforadas do botânico inglês. O jeito é continuar a estudar esses planos do governo, mesmo sem muita convicção. Vamos realizar esse plano, porque “uma comunicação fluvial, fácil e barata, embora algo sinuosa pode ligar o mar dos confins da província de Pernambuco às terras ricas e relativamente bem povoadas das zonas interiores de mineração e diamantes...” (Idem, *ibidem*, p. 74). O botânico inglês repetiu bem alto: *my God, my God, my God!!! Why*, por que o governo imperial quer fazer isso? Uma fumaça espessa saiu de sua boca. Os técnicos pretendiam unir aquelas zonas porque estavam “separadas dos grandes mercados do Rio de Janeiro e Bahia por altas barreiras de montanhas, sempre de acesso difícil e onde os meios de transporte são cansativos e caros” (Idem, *ibidem*, p. 74).

No entanto, Gardner tinha grandes dúvidas e críticas que tal plano pudesse dar certo e, em seguida, descreveu as razões. Esse foi um tema que gastou páginas e mais páginas de seu diário. Passemos às suas explicações:

“em primeiro lugar, a barra na embocadura do rio, com cerca de duas léguas de largura, é sempre batida por fortes vagas, e raro tem mais de quatro pés de profundidade. Depois, na cachoeira de Paulo Afonso, uma série de corredeiras e quedas, em extensão aproximada de 60 milhas, cria sérios obstáculos ao progresso da navegação. Por fim, nas zonas intermediárias, a população é muito escassa e não tem possibilidade de crescer, dada a natureza inóspita da maior parte do interior!” (Idem, *ibidem*, p. 74)

O viajante inglês parecia entender do assunto, pois, virando mais algumas páginas de seu diário, encontramos outras observações sobre a pouca viabilidade dessa empresa de navegação a vapor. Para ele, essa “zona de terra só é propícia à criação de gado” (Idem, *ibidem*, p. 74). O botânico não acreditava que naquele momento histórico, os brasileiros, fossem investir verbas na tentativa de tornar o São Francisco navegável. Sua desconfiança pairava nos obstáculos da natureza ou na capacidade dos brasileiros? A resposta vem imediatamente: “Talvez possa aventurar-se em tal tentativa uma companhia inglesa, uma vez que alguns recentes e mal sucedidos planos semelhantes no Brasil foram ainda mais absurdos. Veja-se aquele monumento mais absurdo que se chamou Companhia do Rio Doce” (Idem, *ibidem*, p. 74).

Não sabemos se a enchente já estava a lhe aumentar o mau humor, a lhe atrasar os planos de viagem, mas ele foi implacável em suas críticas. Quem sabe, mudando de ares, de província, de novas paisagens, o tempo perdido desse viajante inglês seria recuperado? George Gardner atravessava com sua equipe, pela Serra Geral, muito próximo a uma aldeia “contendo cerca de quarenta casas” (Idem, *ibidem*, p. 176), onde pretendiam ficar até encontrar um homem que os ajudasse no trato da tropa. Apesar de haver dezenas de homens, nenhum deles estava disposto a realizar tal empreitada e o inglês, irritado, faz a sua crítica: “É comum dizer aqui, que para cada dez que trabalham, há noventa que nada fazem e sustentam uma existência mísera caçando ou roubando seus semelhantes mais industriais” (Idem, *ibidem*, p. 178).

Como não podia desistir desse tipo de serviço, Gardner acabou por encontrar um homem que já havia percorrido e conhecia esses caminhos para Minas Gerais. Nem bem tinha concluído seu acordo com o sujeito, o viajante vê chegar uma senhora, “uma mulata grande, velha e feia” (Idem, *ibidem*, p. 175). Porém, o que mais o surpreendeu foi o fato dela ser escrava, ao passo que o homem, mulato também, era livre e mais moço. A mulher insultou o inglês por aliciar o marido para abandoná-la. Que coisa feia, mister Gardner!

Quanto preconceito! A mulher era esposa do homem e só o liberou para tal empreitada depois de ouvir o esposo dizer que só ficaria fora por um mês. Os comentários maldosos do botânico continuaram e, para sua alegria, o guia, além de seguir com sua tropa por um tempo maior, “não se sentiu inclinado a voltar e seguiu com eles até o distrito do ouro, onde obteve emprego em uma das minas” (Idem, *ibidem*, p. 175).

O viajante estrangeiro e sua comitiva continuaram a viagem ao longo da chapada, observando que os “pequenos regatos que vinham atravessando desde algum tempo corriam todos para leste, desembocando no rio São Francisco” (Idem, *ibidem*, p. 178). O viajante e sua tropa estavam se dirigindo de Arraias para a vila de São Romão em Minas Gerais. Logo ao chegar trocou o seu cavalo castanho por outro todo branco, de crina e caudas bastas, mas infelizmente a alegria do botânico durou pouco, pois o cavalo branco não ficou muito tempo em seu poder, porque o roubaram depois de atravessarem o rio São Francisco.

Gardner e sua tropa viajavam ora uma légua ora jornadas de mais de três léguas, dependendo das condições das viagens. Sempre teve muitas histórias para narrar em seu diário, principalmente as mais pitorescas, como a do guia índio ainda no norte de Minas Gerais. O índio tinha sofrido um acidente de cavalo e estava muito machucado, então mister Gardner mandou sua tropa seguir viagem e ficou par a ajudar o índio, que dizia sofrer de muita dor. Deu-lhe água e levou-o até a casa mais próxima, tentando encontrar algum medicamento. Após o índio tomar chá quente e forte, “único estimulante que se podia obter, melhorou muito. Em seguida, o botânico fez-lhe uma sangria no braço que o aliviou consideravelmente, tanto que poucos dias depois puderam seguir viagem” (Idem, *ibidem*, p.178).

Léguas e léguas de viagem, quando chegaram a outra chapada, o viajante notou que os pequenos regatos, de águas cristalinas e frias, certamente desembocariam no rio São Francisco. “Sentimos muito frio à noite, além de sermos molestados por uma espécie de mosquito grande, cuja picada era bem dolorosa, e o que nos inchou o rosto e as mãos” (Idem, *ibidem*, p.179). No outro dia cedo, notou que os cavalos tinham extraviado para muito longe e, para não perder seu precioso tempo, realizou uma colheita botânica nos arredores próximos à chapada.

Por onde passavam notavam os tipos de habitações, quase sempre “miseras choças feitas de varas e barro cobertas de palmas” (Idem, *ibidem*,

p.177), muitas delas desabitada, mesmo a igreja local era construída do mesmo material. Nunca deixava de relatar a preguiça dos habitantes dos distritos por onde andava: “São desesperadamente preguiçosos, que mal plantam qualquer coisa suficiente para o seu próprio uso, embora cada família possua terras ilimitadas” (Idem, *ibidem*, p.178)

A fauna e flora compõem vários diários de Gardner. Os morcegos foram insistentemente descritos por seus ataques a cavalos, porcos e, também, aos homens. Segundo o viajante inglês, as “singulares criaturas produzem tamanhos estragos e constituem o gênero *Phyllostoma*, assim chamados por causa do apêndice em forma de folha de seu lábio superior” (Idem, *ibidem*, p.178). Em uma noite que Gardner passou em Riachão, localidade mineira, toda a sua tropa sofreu com os ataques desse animal e o viajante estrangeiro chegou a matar morcegos que mediam “dois pés entre as pontas das asas”.

*Jesus Crist! Vamos correr desses enormes vampiros!*

Ainda em Minas Gerais, mas longe dos morcegos, e tendo como “único conforto o chá, única bebida nesta longa e morosa jornada” (Idem, *ibidem*, p.68), principalmente após uma cavalgada sob o sol ardente dos trópicos, avistaram o rio “Urucuia, que corre da Serra Geral diretamente para o leste e desemboca no rio São Francisco, pouco abaixo de São Romão, de considerável largura e profundidade” (Idem, *ibidem*, p. 184). Tempos imemoriais! Certamente nosso grande escritor Guimarães Rosa estaria feliz com essa observação, pois o rio Urucuia, de tão volumoso, adentrava a casa de seu pai.

Na tarde da manhã seguinte seguiram viagem e tempos depois entravam na vila de São Romão. O viajante se dirigiu à casa do juiz de paz para lhe mostrar seu passaporte e, em seguida, conseguiram um local para descansar. Nas próximas páginas de um dos seus muitos diários, George Gardner volta a observar as variadas funções atribuídas ao rio São Francisco. A função de fixar e povoar vem logo em seguida, ao ressaltar que a vila risonha de São Romão está situada na margem sul do rio, no distrito de Paracatu. “É pequena, não tendo mais de mil habitantes, e forma um quadrado com diversas ruas longas, estreitas e irregulares”. Também descreve a sua população, comentando que “quase toda de gente é de cor e não creio que haja na Vila inteira uma dúzia de famílias brancas” (Idem, *ibidem*, p. 188).

Uma vez descansados tropas e homens, era a hora de colocar os pés na estrada rumo ao distrito dos diamantes, porque muitos estudos o botânico tinha por lá. E, por falarmos em estrada, a mais freqüentada é a que corre

na direção sul, ao longo da margem do rio São Francisco e ao norte do rio das Velhas, “grande tributário daquele que nasce no distrito do ouro” (Idem, *ibidem*, p.191).

O botânico inglês e sua equipe, sem perder tempo, começaram a jornada até chegar a outra fazenda, das muitas que pernотaram e descansaram, ao longo dessa árdua tarefa de pesquisar. No caminho o viajante notou que a mata era baixa e consistia principalmente de diferentes espécies de “mimosa, acácia, *baubinia*, *caesalpina* etc” (Idem, *ibidem*, p.192).

Quanto mais viajavam, mais as paisagens iam se modificando: de extensas vegetações a pedregulhos, cascalhos, argila dura, rochas distintas contendo diamantes encravados. Era um subir e descer serras, que parecia não ter fim. A paisagem humana também era rica e diversa: escravos na mineração, tropeiros ao longo das estradas, lavadeiras dentro dos rios, entoando canções nem sempre alegres, homens forros trabalhando por conta própria, religiosos conversando com senhoras nas escadarias das igrejas, artesãos esculpindo figuras em madeira e barro e muitos negociantes.

Depois de muito pesquisar em Minas Gerais, Gardner seguiu viagem pelo Ceará e Maranhão realizando ricos estudos e compondo frutíferos diários de viagem. De acordo com esse botânico, nessas duas províncias a riqueza da cultura do algodão, das palmeiras no Ceará, foi motivo de desenhos, escritos e, não poderia deixar de lado, as muitas anotações sobre os peixes dos rios, do mar e, em especial, os peixes voadores, que em “multidões se erguiam rente ao navio” (Idem, *ibidem*, p. 248). Estava chegando o tempo de partir e a viagem do botânico inglês nos pareceu rápida e agradável: “quanto mais se aproximava da pátria, mais se intensificava meu desejo de estar entre meus amigos” (Idem, *ibidem*, p. 250).

Para nós aqui dos trópicos, esse sentimento tem um nome, saudade, sem tradução para o inglês, no entanto, as palavras de despedida do botânico inglês merecem tradução e registro. Em seu diário ele nos relata que cumpriu sua missão de forma intensa e satisfatória, “não sofreu qualquer desengano quanto aos prazeres que antecipara derivar de tal expedição, mesmo com os pequenos aborrecimentos” (Idem, *ibidem*, p. 250). Fomos lendo e nos surpreendendo com aquele cientista, a cada página que virávamos. Mais adiante, Gardner se diz mais afortunado do que os outros naturalistas que o antecederam, porque as suas numerosas coleções de espécimes “despachadas a intervalo para a Inglaterra chegaram todas a salvo” e, por fim, ele nos presenteia, ressaltando que

deixou o Brasil com grande pesar, porque a “vida que lá vivi era independente e livre e para a minha saúde, seu clima era melhor do que a Inglaterra; que o país é belo e mais rico que qualquer outro do mundo nos objetos naturais a cujo estudo devotei minha vida” (Idem, *ibidem*, p.250).

### **TEMPO DE DESPEDIDAS: DO RIO SÃO FRANCISCO E DOS VIAJANTES**

Mister George, agora que lemos suas últimas considerações sobre o Brasil e os lugares por onde passou, sobre os resultados de suas pesquisas, constatamos que o senhor é quase um lorde, pois soube reconsiderar as intempéries que muitas vezes cruzaram os seus caminhos nos trópicos. Certamente, um dia iríamos desfrutar dessas pesquisas, não só a do senhor, mister Gardner, mas, também, de todos outros naturalistas que por aqui passaram. Nossa contribuição com esse artigo surgiu a partir das narrativas encontradas em seus diários.

*Merci beaucoup, monsieur Saint-Hilaire; Thank you, very much, mister Gardner; Vielen Dank, meine Herren Spix e Martius.*

As voltas e as respectivas despedidas dos viajantes estrangeiros aqui estudados tiveram percursos distintos: o botânico francês, com tons de lamento à possível não realização de seus apelos, às vezes saía do leito do rio; os dois bávaros cientes de suas pesquisas e dos planejamentos futuros, com relação ao rico material coletado no Brasil, quase se afogaram nas águas de suas vaidades; e o inglês, quem diria, foi o que não ficou à deriva, no barco de pesquisas e coletas que deslizou sobre o rio. E, o mais importante para nós, os três naturalistas estrangeiros não tiveram dúvida alguma sobre a beleza, a grandeza, o esplendor, a majestade, a importância da navegação e as funções atribuídas ao rio São Francisco ao longo de sua extensa história.

## **BIBLIOGRAFIA**

SPIX, Johann Baptist Von, *Viagem pelo Brasil: 1817-1820/Spix e Martius*. Vol.2. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: ED.Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1975.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do rio São Francisco*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1975.

\_\_\_\_\_. *Viagens pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Tomo 2, São Paulo: Cia Editora Nacional, 1938.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. “A herança colonial, sua desagregação. In: HOLANDA, S. B(org.) *História Geral da Civilização Brasileira*. 4ª Ed., Tomo II, 1º volume. São Paulo: Difel, 1975.

\_\_\_\_\_. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BELLUZZO, Ana Maria. *O Brasil dos viajantes*. São Paulo: Metalivros, 1995.

CANDIDO, Antônio. In: LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem*. escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

\_\_\_\_\_. Letras e idéias no Brasil colonial. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org) *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1972, v.2, t. 2.

**RESUMO:** Neste presente artigo faremos a leitura do rio São Francisco a partir dos relatos de viagem de quatro viajantes estrangeiros dos oitocentos. A literatura de viagem constitui fonte inesgotável de informações a respeito desse rio, seja de natureza técnica, literária e historiográfica. Muitas vezes esses dados, mesmo os mais relevantes nos são fornecidos de maneira assistemática e outras tantas vezes dispersas, assim como as águas do rio, quando resolvem emaranhar-se. Para torná-lo mais translúcido, tanto o artigo como o São Francisco, ressaltaremos as obras dos naturalistas europeus, como referenciais importantes, para o conhecimento da história do meio ambiente e da natureza no Brasil. A contribuição de estudiosos que transitam entre a história e a literatura também serão imprescindíveis para esse texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** rio São Francisco; meio ambiente; história; literatura de viagem; Brasil oitocentista.

**ABSTRACT:** In the following article we are going to study the São Francisco river from the perspective found on the reports of four foreign travelers from the 1800's. The literature of travel and exploration constitutes an inexhaustible source of information about this river, in both technical, literary and historiographical way. In several occasions this data, even the most relevant one, are supplied to us in a non-systematic and disorganized way, similar to the water of different riverbeds when it decides to meet. To make it translucent, both the article and the São Francisco, we shall take the work of different european naturalists as an important reference to the knowledge of environmental and natural history of Brazil. The contribution given by intellectuals that transit between History and Literature are also indispensable for this text.

**KEY-WORDS:** São Francisco river, environment, History, travellers literature. Brazil in the 1800's.